

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT01.052

LIMITAÇÕES E POTENCIALIDADES DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES SEXUAIS

Vinicius da Silva Fonseca¹

Milena Michiles Rosa²

Diana da Silva Thomaz de Oliveira³

Suellen de Oliveira⁴

RESUMO

O acesso à educação sexual é um direito sexual e reprodutivo. No entanto, para garantir sua efetivação, é necessário que os profissionais da educação e da saúde se comprometam em promovê-lo. Nesse contexto, durante um projeto de iniciação científica realizado em 2023 em um centro universitário do estado do Rio de Janeiro, investigamos se a extensão universitária poderia ser uma aliada no processo de formação desses futuros profissionais. Sendo assim, apresentamos neste capítulo as suas limitações e potencialidades. As principais dificuldades vivenciadas pelos extensionistas durante o projeto foram: a indisponibilidade de tempo para participar das atividades propostas e o baixo letramento digital, o que dificultou o acesso e o uso da plataforma na qual diversos conteúdos foram compartilhados. Apesar disso, a extensão universitária favoreceu o reconhecimento do tabu relacionado à sexualidade; a construção de conhecimentos científicos sobre o tema; o reconhecimento da própria identidade sexual; o compartilhamento de experiências; a reflexão sobre a educação sexual vivenciada ao longo da vida; a análise dos

1 Graduado em Psicologia no Centro Universitário Celso Lisboa, dasilvafonsecavinicius@gmail.com;

2 Graduada em Biomedicina pelo Centro Universitário Celso Lisboa, milena.michiles@gmail.com;

3 Mestre em Ensino em Biociências e Saúde / Graduada em Biologia pelo Centro Universitário Celso Lisboa, prof.dianadeoliveira@gmail.com;

4 Doutora em Ensino em Biociências e Saúde / Docente do Centro Universitário Celso Lisboa / Coordenadora da área de Educação Sexual Integral do Espaço Ciência Viva, deoliveira.suellen@gmail.com.

próprios valores e atitudes; a compreensão sobre a diversidade sexual e a necessidade de respeitar as diferentes formas de vivência da sexualidade. A participação no projeto também permitiu a construção da sensação de segurança para ensinar sobre sexualidade; motivou o desenvolvimento de atividades autorais; contribuiu para o reconhecimento da importância da educação sexual emancipatória; proporcionou o empoderamento pessoal e a satisfação em exercitar a cidadania. Tudo isso, evidencia que a extensão universitária constitui um excelente dispositivo para contrapor a negligência dirigida à educação sexual durante o curso de graduação.

Palavras-chave: Educação sexual, Educação em Sexualidade, Sexualidade humana, Formação de professores, Extensão universitária.

INTRODUÇÃO

A sexualidade compõe a vida do ser humano e está presente durante toda sua trajetória. Envolve aspectos sociais, psicológicos e biológicos que interagem com sua forma de ser e estar no mundo, além de influenciar sua maneira de compreendê-lo (UNESCO, 2017). No Brasil, todos os cidadãos têm acesso garantido às informações sobre saúde sexual e reprodutiva. Esse acesso pode ser assegurado por meio da educação sexual, que também é um direito (Brasil, 2013).

A educação sexual favorece um caminho para uma vivência plena da sexualidade Golberg (1988), Nunes (1996) e Figueiró (2010) ressaltam a importância da educação sexual emancipatória, que atua na promoção do engajamento político do sujeito por meio da formação de consciência cidadã visando a transformação social.

Em 2022, durante o projeto de Iniciação Científica intitulado “A educação sexual no processo de formação de futuros professores”, foi possível identificar as percepções sobre a vivência da educação sexual ao longo da vida, inclusive durante o processo de formação dos licenciandos de um centro universitário localizado na cidade do Rio de Janeiro. Os resultados da pesquisa indicaram que a maioria dos participantes se sentia insegura, ansiosa, assustada ou desconfortável em se imaginar preparando uma aula com assuntos relacionados à sexualidade; alguns mencionaram que não haviam pensado sobre isso. Ademais, a pesquisa também revelou que a maioria dos estudantes do último período que participaram da pesquisa não conheciam documentos oficiais que respaldam o ensino de assuntos relacionados à sexualidade no contexto escolar (Rosa *et al.*, 2023; Rosa; Fonseca; Oliveira, 2024). Portanto, é necessário ampliar os investimentos na educação sexual dos futuros professores, incluindo a análise dos documentos oficiais, tais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e o Caderno do Gestor do Programa Saúde na Escola (Brasil, 1997; 2018; 2022).

A educação sexual deve estar presente na formação dos futuros profissionais nas áreas de educação e de saúde, pois eles também atuarão como educadores sexuais. Uma das maneiras de promovê-la é inserindo os discentes em programas de extensão universitária, nos quais poderão aprofundar seus conhecimentos sobre a temática e compartilhá-los com a comunidade, como mostra o relato compartilhado por Nogueira *et al.* (2023). Os autores evidencia-

ram que por meio da extensão universitária é possível contribuir para a formação acadêmica dos estudantes, pois favorece o desenvolvimento de habilidades pessoais e profissionais como autonomia na tomada de decisões, a criticidade, a comunicação e o autoconhecimento como cidadão. Além disso, permite que a universidade ofereça um serviço que contribua para a transformação da sociedade.

Devido à sua relevância, a extensão universitária foi regulamentada em 2018 e tornou-se obrigatória. Atualmente, o Conselho Nacional de Educação exige o cumprimento mínimo de 10% do total da carga horária curricular em atividades de extensão durante a graduação, sendo “consideradas atividades de extensão as intervenções que envolvam diretamente as comunidades externas às instituições de ensino superior e que estejam vinculadas à formação do estudante (Brasil, 2018, p. 2). Portanto, em 2023 investigamos se a extensão universitária pode ser uma aliada no processo de formação dos futuros educadores sexuais.

PERCURSO METODOLÓGICO

Com o objetivo de avaliar quais são as potencialidades e as limitações da extensão universitária na formação de educadores sexuais, foi desenvolvido, ao longo do ano de 2023, o projeto de iniciação científica intitulado: “A extensão universitária como estratégia de formação de educadores sexuais”. Diversas atividades voltadas à temática principal foram ofertadas para os alunos dos cursos de graduação nas áreas da saúde e da educação do Centro Universitário Celso Lisboa.

O percurso metodológico iniciou com o recrutamento dos extensionistas. Estudantes que cursavam o projeto “Respostas Imunológicas em Humanos”, com a responsável por esta pesquisa, foram convidados a participar. Os interessados se inscreveram por meio do preenchimento de um formulário disponibilizado no Formulários Google (*Google Forms*). O objetivo do questionário era compreender como a educação sexual foi vivenciada pelos participantes ao longo de suas vidas. Em seguida, os respondentes participaram de uma conversa para esclarecer as possíveis dúvidas sobre o desenvolvimento do projeto. Alguns participaram desse processo de maneira individual, outros, de maneira coletiva, conforme disponibilidade dos extensionistas. O áudio da conversa foi gravado e posteriormente transcrito. Os dados coletados por meio do formulário e trans-

crição das conversas foram submetidos à análise de conteúdo (Bardin, 2010). Esses resultados foram compartilhados em Rosa, Fonseca e Oliveira (2023).

A segunda etapa do projeto, que corresponde à etapa formativa desses participantes, ocorreu por meio da realização de atividades síncronas presenciais e assíncronas online. As atividades assíncronas foram disponibilizadas no Google Sala de Aula (*Google Classroom*). Três atividades foram consideradas obrigatórias por serem essenciais para a formação dos extensionistas. As demais eram opcionais e o extensionista poderia escolher aquelas que lhe interessassem, visto que os certificados seriam personalizados conforme a carga horária cumprida por cada pessoa, podendo chegar a 30 horas. As práticas presenciais foram realizadas no campus do Centro Universitário Celso

Lisboa e no museu interativo Espaço Ciência Viva (ECV), ambos localizados na região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro. O ECV é um dos museus pioneiros na educação sexual no Brasil (Oliveira, 2023).

As tarefas ofertadas durante o processo inicial de formação dos extensionistas visaram oportunizar a construção de conhecimentos relacionados aos conceitos relativos à temática sexualidade e o aprofundamento em alguns assuntos, além de apresentar diversas estratégias educativas (Quadro 1).

Quadro 1: Atividades oferecidas durante o processo inicial de formação dos extensionistas

Temática central da atividade	Ferramenta de ensino utilizada	Formato de aplicação da atividade
Apresentação*	Fórum	Online
Reeducação sexual*	Artigo científico e questionário autoaplicado	Online
Sífilis	Exposição virtual	Online
Conceitos basilares da sexualidade*	Curso online Roda de conversa Oficinas	Online Presencial
Análise de atividades de educação sexual	Artigos científicos, manuais, e- books e vídeos.	Online
AIDS	Podcast Exposição virtual	Online
Papéis de gênero	Documentários	Online
Percepção de risco de transmissão de infecções sexualmente transmissíveis	Oficina	Presencial
Gravidez e seus impactos	Oficina	Presencial

Fonte: Os autores. * Atividades obrigatórias.

A terceira etapa constituiu na participação dos extensionistas, de maneira supervisionada, como mediadores de oficinas realizadas no museu durante os atendimentos escolares e os Sábados da Ciência — evento gratuito promovido pelo Espaço Ciência Viva.

Para comprovar a realização das tarefas, os extensionistas compartilharam seus diários de bordo individuais por meio do Google Sala de Aula. Os participantes eram estimulados a refletir sobre as tarefas realizadas durante o processo de construção dessas anotações. O diário de bordo é um valioso instrumento para a formação de educadores, ao favorecer um espaço reflexivo e de autoanálise de suas experiências (Batista, 2019). Esse instrumento serviu a dois propósitos: 1) para os extensionistas, o exercício de escrever sobre as atividades vivenciadas favoreceu à reflexão, uma vez que o objetivo do diário não era apenas a transcrição objetiva das experiências, mas um relato de como essas atividades reverberaram de maneira pessoal e profissional em suas vidas; 2) constituíram uma fonte de dados para os pesquisadores do projeto, sendo submetidos à análise de conteúdo (Bardin, 2010).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, 18 estudantes manifestaram o interesse em participar do projeto de extensão e preencheram o formulário de inscrição. Entre esses participantes estavam dois indivíduos do gênero masculino-cis e 16 do gênero feminino-cis. No entanto, somente sete inscritos permaneceram no projeto (Quadro 2). O principal motivo da desistência foi a indisponibilidade de tempo para cumprir as tarefas solicitadas. A permanência no ensino superior para aqueles que trabalham ou vivem com limitações financeiras é um desafio, sendo esse o perfil de muitos dos nossos extensionistas. Muitas vezes os estudantes possuem uma grande dificuldade para conciliar as atividades acadêmicas com a necessidade de estar inserido no mercado de trabalho e esse fator se constitui como um obstáculo a ser vencido: “Por vezes o trabalho dificulta a escolarização, por vezes a ausência de trabalho impede a escolarização” (Vargas; Paula, 2013, p. 465). Por conseguinte, realizar atividades extracurriculares como a extensão é um grande desafio. Para minimizar esse problema, o processo de formação proposto ocorreu de maneira híbrida.

A formação híbrida proporcionou flexibilidade de tempo e facilitou a participação dos extensionistas. Nesse sentido, a possibilidade de conduzir atividades online contribuiu para uma maior aderência e envolvimento dos extensionistas.

Quadro 2: Perfil dos extensionistas

Participante	Idade	Sexo	Orientação sexual	Curso
P1	40 anos	Mulher-Cis	Heterossexual	Enfermagem e Serviço Social
P2	52 anos	Mulher-Cis	Heterossexual	Pedagogia
P3	21 anos	Homem-Cis	Homossexual	Enfermagem
P4	21 anos	Homem-Cis	Heterossexual	Biomedicina
P5	19 anos	Mulher- Cis	Heterossexual	Biomedicina
P6	20 anos	Mulher- Cis	Heterossexual	Biomedicina
P7	29 anos	Mulher- Cis	Heterossexual	Biomedicina

Fonte: Os autores.

A partir dos dados foi possível identificar as potencialidades (Quadro 3) e limitações (Quadro 4) da extensão universitária na formação dos futuros educadores sexuais. Esses resultados serão apresentados a seguir, junto aos trechos de exemplificação que contêm alguns relatos dos extensionistas.

Quadro 3: Potencialidades da extensão universitária na formação dos educadores sexuais

Potencialidades	Trechos de exemplificação
A formação híbrida proporcionou flexibilidade de tempo, sem abrir mão do fortalecimento da interação interpessoal, que tanto motivou os participantes.	<p>P3: “O conteúdo online foi excelente para meu aprendizado, mas ele não me fez criar nenhum vínculo com outras pessoas. No entanto, as atividades presenciais de fato me fizeram fazer novas amizades. A possibilidade de realizar atividades online me salvou de muitas horas de transporte e me permitiu realizá-las ao meu bel prazer, então foram importantíssimas.”</p> <p>P2: “Por não poder estar presente sempre nos encontros presenciais, o formato on-line auxiliou bastante, mas também proporcionou maior vivência e experiência.”</p>

Potencialidades	Trechos de exemplificação
<p>Os encontros presenciais permitiram o compartilhamento de conhecimentos e experiências, além do confronto de ideias, importantes para promover a reflexão sobre valores e atitudes.</p>	<p>P1: “Era uma tarde de sol e fizemos uma roda, com um bate-papo bem bacana sobre questão de gênero. Assunto atual, onde aprendi mais sobre algumas mudanças de forma de falar sobre esse tema como por exemplo, o termo hermafrodita agora é intersexual, bem como outras formas atuais de designação. Foi um bom bate-papo, de grandes conhecimentos e trocas de experiências em diversas situações.”</p> <p>P1: “O projeto de extensão [...] foi muito produtivo onde passamos vários momentos construindo ideias, aprendendo uma forma de expressar melhor sobre assuntos que envolveram temas bem atuais, como sexualidade, identidade de gênero. A cada reunião, as ideias eram expostas sem tabu e isso contribuiu positivamente para minha vida acadêmica, onde hoje já sei desenvolver os termos adequados sobre qualquer assunto relacionado à sexualidade.”</p>
<p>O diário de bordo favoreceu a reflexão sobre o processo formativo.</p>	<p>P4: “Com os ideais estabelecidos na sociedade, muitos homens acabam sofrendo com a repressão destacada na infância em demonstrar tais sentimentos e isso acaba gerando incerteza, raiva, tristeza e confusão. A saúde mental está estreitamente relacionada ao comportamento estabelecido durante a infância e continuado até durante a fase adulta. A modulação da sociedade fazendo com que as crianças excluam seus sentimentos considerados “afeminados” é extremamente danoso para a compreensão de si próprio. Dúvidas aparecem justamente por não entenderem quem são e porque estariam fazendo determinada ação. O fato de a sociedade passar a imagem de que o homem não deve demonstrar o que sente gera situações em que não há com quem conversar sobre os assuntos que permeiam a cabeça, e isso acontece com o intuito de não aparentar ter fraqueza diante do outro, dúvidas de sua existência surgem e o sentimento de culpa aparece. A limitação do indivíduo impede o crescimento como ser humano, caso esteja uma constante máscara na pessoa que é reprimida, a empatia, tristeza e aptidões para funções consideradas “femininas” formam uma camada espessa de raiva, confusão e impulsividade.”</p> <p>P5: “O papel do gênero na vivência da masculinidade pode ter um impacto significativo na saúde das pessoas de várias maneiras. As expectativas tradicionais, principalmente, incentivam comportamentos que podem ser prejudiciais à saúde física e mental. A supressão emocional é um dos melhores exemplos para se dizer, a pressão para ser “forte” e não expressar emoções pode levar os homens a reprimir sentimentos, o que pode contribuir para problemas de saúde mental, como ansiedade e depressão. E com isso, também pode dificultar a busca de ajuda quando necessário. Tentando dialogar e deixando eles o mais confortável possível, assim como as mulheres gostam de se sentir confortáveis para desabafar, creio que com os homens seja o mesmo, com tudo um pouco mais complicado.”</p>

Potencialidades	Trechos de exemplificação
A extensão universitária contribuiu para o reconhecimento do tabu.	<p>P2: “Muito pouco ainda se fala abertamente e de maneira correta, com informações precisas, sobre Educação Sexual! Ainda é um tabu! Na minha casa era assim e hoje sinto a falta da informação correta para dialogar com meus filhos! Não se fala em educação sexual na faculdade! Estou aqui para aprender e auxiliar no que for necessário! Tema muito importante para todas as idades!”</p> <p>P4: “[...] foram abordados de maneira clara muitos aspectos relacionados à sexualidade, todos os assuntos abordados em relação ao meio em que vivemos foram importantes para a compreensão do quanto as pessoas são reprimidas pelo ambiente e pela sociedade em mostrar quem realmente são e viver da maneira que bem entenderem. Geralmente percebemos uma certa repulsa em falar sobre esses assuntos e é justamente contra isso que devemos trabalhar, para que a comunicação seja clara, objetiva e didática. A conversa e o respeito são fundamentais para que possamos conviver em harmonia com o próximo e espalhar conhecimento, evitar confusões [...]. Os padrões estabelecidos na maioria dos países ainda é um grande desafio a superar, a sexualidade de fato é um assunto complexo, não envolve apenas uma linha, mas sim várias camadas com inúmeros campos de muitas informações importantes de convivência com o próximo e identidade pessoal.”</p>
A extensão universitária oportunizou o acesso ao conhecimento científico relacionado aos diferentes aspectos da sexualidade e a uma educação sexual emancipatória, nem sempre presente no contexto familiar e na educação formal.	<p>P2: “O Projeto de Extensão em Educação Sexual está sendo de extrema importância para minha formação acadêmica, pois contribui para aquisição de saberes dentro do universo tão diverso da educação sexual. [...] estagiária hoje em Espaços não formais, tendo contato com pessoas de diversas idades e principalmente com as crianças. Elas merecem saber e conhecer seu próprio corpo sem tabus, e a abordagem lúdica do tema é fascinante. Assim como a grande importância da Educação Sexual para os universitários, onde também temos carência dessa informação. Todo esse meio é uma grande novidade para mim e me trouxe grandes aprendizados pessoais, eu mesmo venho de uma geração de muitos tabus quando o assunto é sexo.</p>
A extensão universitária permitiu a compreensão dos conceitos basilares da sexualidade (sexo de nascimento, gênero e orientação sexual), que por sua vez, propiciou o reconhecimento da própria identidade sexual.	<p>P2: “Conhecer para reconhecer, conhecer para não discriminar e principalmente conhecer para melhor se conhecer.”</p> <p>P3: “Antes do curso eu já me considerava uma pessoa com bastante domínio acerca da educação sexual por fazer parte da comunidade LGBTQIA+ e procurar sempre compreender as diversas nuances que isso representava; mas hoje em dia percebo como eu era quase um completo leigo. Acredito que esse projeto de extensão possui conteúdo que deveria ser passado a todas as pessoas possíveis, sobretudo das novas gerações, por ensinar e muito acerca de um conteúdo tão necessário no nosso cotidiano. E além do mais, me fez entender a diferença entre sexo e sexualidade.”</p>

Potencialidades	Trechos de exemplificação
A extensão universitária proporcionou a reflexão sobre a educação sexual vivenciada ao longo da vida, contribuindo com o processo de reeducação sexual.	P1: “O conhecimento sempre nos torna mais sábios e com mais segurança em falar sobre os assuntos que às vezes se apresentam como polêmicos e intrigantes, mas, com respeito e muita sutileza, conseguimos passar uma mensagem, para pensar e refletir e entender que as diferenças sempre estarão presentes em meio a sociedade, e que devemos aprender a respeitar cada um com suas diferenças e comportamentos.”
A extensão universitária ampliou a compreensão sobre a diversidade sexual e a necessidade de respeitar as diferentes formas de vivência da sexualidade.	P6: “Participar do projeto de extensão enriqueceu minha formação acadêmica me proporcionando uma compreensão muito mais ampla das questões relacionadas a esse tema. Isso influenciou positivamente minha atuação profissional, permitindo abordar também de uma forma mais informada, além de contribuir para o meu crescimento pessoal, promovendo uma mentalidade mais inclusiva e respeitosa.” P3: “[...] as habilidades que um educador sexual precisa ter, eu acredito que compreensão e paciência talvez, né, e ter uma mente aberta pra entrar em diversidade porque certamente você não vai encontrar pessoas que são iguais a você, obviamente que não, pessoas de todos os tipos diferentes que gostam de muitas coisas diferentes. É, eu acho realmente que compreensão e aceitação é o que uma educação, um educador sexual deveria ter, e é isso.”
A extensão universitária proporcionou segurança para ensinar sobre sexualidade, seja no contexto familiar ou profissional.	P2: “O Projeto de Extensão em Educação Sexual [...] melhorou a conversa sobre o tema com meus filhos, aprendi sobre identidade de gênero, sexo, orientação sexual.” P2: “Trouxe aprendizado teórico e prático, o que me auxilia hoje a falar com segurança sobre sexualidade com idades diversas. E quebrou um tabu que eu tinha dentro de casa e com as demais pessoas do círculo familiar e de amigos, falo abertamente sobre o tema, agora que entendo sua imensa importância!” P3: “Foi uma experiência bem interessante, abordar um tema que muitas das vezes não é comentado ou então não enfatizado como deveria, de fato é curioso ver como as pessoas reagem ao assunto. ”
A extensão universitária estimulou o desenvolvimento de atividades de educação sexual autorais.	P4: “A explicação do processo infeccioso foi relatada e enfatizada para se obter um maior entendimento geral das IST do nosso cotidiano, a hepatite A e o HTLV foram as que os participantes tiveram o maior desconhecimento em geral, e isso provavelmente ocorre pelo ofuscamento gerado por infecções como o HIV (a IST prevalente na mídia), isso nos diz que devemos informar as pessoas sobre IST que não são comentadas com uma certa frequência pelas mídias em geral e apresentar outras doenças sexualmente adquiridas além do HIV para evitar uma futura infecção causada pelo desconhecimento da população.”* *Diário de bordo descrevendo a aplicação de uma oficina desenvolvida e mediada por alguns extensionistas.

Potencialidades	Trechos de exemplificação
A extensão universitária despertou o interesse pela atuação na educação não formal e educação em saúde.	P3: “Certamente o projeto me ajudou muito a falar de maneira mais segura e confiante a respeito de todas as vertentes da educação sexual, além de poder transmitir esse conhecimento de forma clara e objetiva. Afirmo que é algo necessário a TODAS as pessoas.”
A extensão universitária favoreceu o reconhecimento da importância da educação sexual.	P4: “A extensão elucidou uma questão social importante a ser debatida, o tema acaba sendo negligenciado e esquecido, portanto, é necessário instruir as pessoas a agirem com responsabilidade, e a extensão foi a grande ponte para se obter o melhor entendimento sobre o assunto abordado diante de alguns aspectos mal definidos que antes foram estabelecidos.” P3: “A extensão explicou e muito a respeito da diferença entre sexo e sexualidade; o que muitas vezes a sociedade associa, mesmo se tratando de assuntos completamente diferentes. Além do mais é uma excelente forma de fazer com que as gerações atuais possam crescer sem todos os tabus e preconceitos herdados de nossos antecessores.”
A atuação como mediadores no museu proporcionou o empoderamento pessoal e a satisfação em exercer a cidadania.	P6: “Trabalhar em extensão foi incrível para despertar meu interesse na educação não formal. Foi uma jornada de aprendizado cheia de trocas e momentos especiais com diferentes grupos. Adorei cada momento compartilhado, discutindo saúde e bem-estar, essa experiência me fez perceber o quanto é gratificante ajudar os outros a entenderem e cuidarem de si mesmos. Com certeza, quero levar esse amor pela educação em saúde para minha vida profissional, porque acredito que todos merecem acesso a informações que promovam uma vida mais saudável e feliz.”

Fonte: Os autores.

A extensão universitária teve como objetivo contribuir com a educação sexual emancipatória dos participantes. Esse tipo de educação permite promover a compreensão da complexidade da sexualidade humana, a superar a desumanização imposta pelo capitalismo e a despertar o engajamento político por meio da construção de uma consciência cidadã na defesa dos direitos humanos (Nunes, 1996). Vale ressaltar que a sexualidade está presente em todas as fases de nossas vidas, por isso a educação sexual sempre deve ocorrer. No entanto, nem sempre ela é positiva e emancipatória, pois diversos tabus influenciavam nossa forma de lidar com os assuntos relacionados à sexualidade, inclusive na maneira de promover a educação sexual (Gonçalves; Faleiro; Malafaia, 2013), seja ela informal, não formal ou formal (Oliveira, 2023).

Freire (2016) defende que a prática da escuta é essencial para o processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim, apesar de reconhecermos a importância do ensino à distância e do uso de plataformas online para trazer maior flexibili-

dade ao processo formativo, incluímos encontros presenciais que possibilitaram o compartilhamento de ideais entre os participantes, e conseqüentemente, momentos de escuta. Isso possibilitou confrontar os valores e atitudes, pois muitas vezes são reproduzidos de maneira inconsciente (Bordieu, 1930). Além disso, eles favoreceram a construção do vínculo entre os participantes, motivando a sua permanência no projeto.

A compressão dos nossos valores constitui um desafio de autopercepção. Perceber-se não é fácil. Por conseguinte, diversas atividades propostas, como a utilização do diário de bordo, tinham como objetivo convidar o extensionista a olhar para si e a refletir sobre o conhecimento adquirido, os valores e as atitudes relacionadas à sua própria vivência da sexualidade, bem como a educação sexual vivenciada ao longo da vida. Essa reflexão pode contribuir com o processo de reeducação sexual (Kawata; Nakaya; Figueiró, 2010).

A compreensão da sexualidade em nossa sociedade movimenta uma calorosa discussão marcada por diversos tabus. Perceber como eles influenciam na percepção e vivência da sexualidade é fundamental para que o sujeito forme consciência crítica e tenha condições de perceber e problematizar as inverdades e suas conseqüências em torno da sexualidade. Nesse sentido, é preciso construir uma narrativa que se oponha ao preconceito pautando-se no conhecimento científico, no respeito à diversidade e no exercício da cidadania. Assim é possível engajar a sociedade na luta pela efetivação dos direitos sexuais e reprodutivos.

Marola, Sanches e Cardoso (2011) consideram que a formação de profissionais da educação e da saúde que promoverão educação sexual deve apresentar como um dos objetivos o combate à desinformação, ao tabu, às crenças e aos mitos relacionados à sexualidade. Para isso, é preciso reconhecê-los, o que foi possível por meio das atividades propostas no projeto de extensão aqui descrito.

Os extensionistas passaram por um percurso formativo que proporcionou a desconstrução de conceitos equivocados e a sua reconstrução, tendo como base os conhecimentos científicos compartilhados. Uma vez que os conceitos fundamentais da sexualidade são compreendidos, há ali constituído um espaço propício para a reflexão sobre a própria identidade. Por exemplo, uma das extensionistas, que cursava enfermagem (P1), iniciou o percurso formativo com muita dificuldade para entender os conceitos relacionados a gênero e orientação sexual. Inclusive ela não conseguia identificar-se sexualmente ao preencher o formulário da atividade "Quem eu sou?". Hoje ela já consegue aplicá-los em

sua prática profissional, sendo capaz de orientar seus pacientes acerca desses conceitos, ajudando-os a compreender as suas próprias identidades sexuais.

As atividades de extensão também ampliaram a percepção dos extensionistas sobre a diversidade sexual e a necessidade de respeitar as diferentes formas de vivência da sexualidade, mesmo que algumas particularidades não tenham sido completamente compreendidas por todos. A existência do respeito à diversidade sexual é essencial para promover o engajamento na luta contra as violações da dignidade dos sujeitos em virtude de elementos ligados à sexualidade.

Flores e Mello (2020) destacaram que as experiências vivenciadas durante a formação de extensionistas podem auxiliar na sua atuação profissional. Há evidências de que este projeto de extensão também tenha contribuído para a atuação profissional dos participantes. O percurso formativo vivenciado pelos estudantes gerou segurança para ensinar sobre sexualidade, seja no contexto familiar ou profissional, além de despertar o interesse pela atuação na área de educação não formal.

Shulman (1987) ressalta que há diversos tipos de conhecimentos necessários para a atuação docente, tais como os conhecimentos específicos relacionados a um tema e o conhecimento pedagógico desse conteúdo, que consiste na habilidade de identificar qual é a melhor forma de ensiná-lo. Sendo assim, após a construção de conhecimentos relacionados à sexualidade, os estudantes puderam atuar como mediadores em um museu de ciências, de maneira supervisionada, a fim de desenvolverem habilidades para ensinar sobre temáticas relacionadas à educação sexual. A interação com o público proporcionou o empoderamento pessoal, satisfação em exercitar a cidadania e suscitou o interesse em atuar na educação não formal com atividades de educação em saúde.

Os participantes do projeto também tiveram a oportunidade de produzir atividades autorais sobre sexualidade. Eles desenvolveram uma dinâmica, produziram histórias em quadrinhos e uma oficina sobre infecções sexualmente transmissíveis. No entanto, apenas a dinâmica e a oficina foram apresentadas ao público do museu e de uma escola, respectivamente.

Além das diversas potencialidades da extensão universitária na formação dos educadores sexuais identificadas nesta pesquisa, constatamos três limitações (Quadro 4). A indisponibilidade de tempo para participar das atividades propostas levou muitos a desistirem do projeto. Como discutido anteriormente, o estudante universitário no Brasil está exposto a uma série de vulnerabilidades,

como a necessidade conciliar trabalho e o curso de graduação, que dificultam a entrada e permanência no ensino superior (Abreu; Ximenes, 2021). Além disso, a necessidade de trabalhar reduz a disponibilidade de tempo para a realização de atividades (Vargas; Paula, 2013), como a extensão universitária.

Quadro 4: Limitações da extensão universitária na formação dos educadores sexuais

Limitações	Trechos de exemplificação
A indisponibilidade de tempo para participar das atividades propostas levou muitos a desistirem do projeto.	P7: “[...] além da minha dificuldade com o tempo (por conta do trabalho) [...]”.
A dificuldade em utilizar as plataformas digitais restringe o acesso total ao programa proposto.	P1: “Tive dificuldades de acessar.” “Sou fraquinha com essas tecnologias.”
O tabu associado ao tema gerou desconforto nos participantes durante a realização de algumas atividades.	P7: “[...] a parte das perguntas eu me senti invadida e não me sinto à vontade para responder ou me expressar [...]. [...] o foco maior é em sexualidade. Um tema que me sinto um pouco desconfortável para lidar.”

Fonte: Os autores.

Uma das participantes teve dificuldade para utilizar o ambiente virtual de aprendizagem adotado no projeto (Google Sala de Aula) e só pediu ajuda depois de alguns encontros, quando foi questionada por não haver entregado nenhum diário de bordo até aquele momento. O manejo das ferramentas digitais muitas vezes pode se apresentar como uma tarefa difícil até mesmo para os docentes (Rosa, 2013) e pode constituir uma barreira ao invés de uma ponte. Há de se considerar que não vivemos uma democratização do acesso aos recursos digitais; nem todos têm condições de acesso à internet e equipamentos para acessar esse tipo de ferramenta (Cunha; Silva, A. S. ; Silva, A. P., 2020).

A sexualidade é um tabu em nossa sociedade.; o que pode constituir um obstáculo para a disponibilidade em aprender, compartilhar percepções e/ou ensinar sobre os assuntos relacionados ao tema. Uma das extensionistas (P7), apesar de ter participado de diversos encontros presenciais, não deu continuidade ao processo formativo. Durante os encontros, ela parecia empolgada para aprender, mas se recusava a compartilhar as suas percepções em seu diário de bordo. Na fase final do projeto, reforçamos a necessidade da entrega do diário de bordo para que pudéssemos avaliar o projeto e quantificar a carga horária de cada participante. Então, ela informou que estava desistindo de participar, pois não se sentia confortável para compartilhar as suas percepções e que o tema do projeto a deixava desconfortável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tabu associado ao tema e a indisponibilidade de tempo limitaram a manutenção de alguns estudantes no projeto. No entanto, o formato híbrido favoreceu a participação dos extensionistas, pois trouxe flexibilidade de tempo, sem abdicar dos momentos de interação social. A iniciativa envolveu graduandos de diferentes cursos e seria muito difícil encontrar horários comuns a todos para realizar tantas atividades síncronas, sejam elas presenciais ou a distância. Sem contar que o deslocamento até o centro universitário e o museu exigem um investimento financeiro. Logo, o aumento da carga horária presencial poderia constituir um obstáculo para a participação de muitos estudantes. Se por um lado a oferta de atividades traz flexibilidade de tempo, a inabilidade com o uso de recursos digitais pode representar um desafio. Portanto, é importante reconhecer que a oferta de atividades online exige a disponibilidade de equipamentos, acesso à internet e habilidades para utilização dos recursos digitais, o que pode limitar o acesso dos estudantes.

O uso de diários de bordo foi importante para o processo formativo, favorecendo a reflexão sobre as experiências vivenciadas, além de permitir a avaliação do projeto. Sendo assim, recomendamos o uso dessa ferramenta em outros projetos de extensão universitária.

A extensão universitária favoreceu: a construção de um ambiente propício para o reconhecimento do tabu relacionado à sexualidade; a difusão de conhecimentos científicos sobre o assunto; o reconhecimento da identidade de maneira consciente; o compartilhamento de experiências; a reflexão sobre a educação sexual vivenciada ao longo da vida e percepções sobre a diversidade sexual. A atuação como mediadores no museu promoveu empoderamento, segurança para ensinar sobre sexualidade, reconhecimento da importância da educação sexual e os encorajou a desenvolver atividades autorais. Portanto, os resultados deste projeto evidenciaram que a extensão universitária é uma excelente aliada na promoção da educação sexual dos universitários que atuarão na área da educação e da saúde.

Vale ressaltar que a extensão universitária constitui apenas um dos processos formativos do educador sexual. As universidades precisam oportunizar múltiplas atividades durante a formação dos seus profissionais, especialmente daqueles que atuarão na área da educação e da saúde. Também é recomendado

ofertar atividades de formação continuada para aqueles que já estão atuando no mercado de trabalho, contribuindo para a atualização desses profissionais.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2010.

BATISTA, T. O Diário de Bordo: uma forma de refletir sobre a prática pedagógica. **Revista Insignare Scientia**, v. 2, n. 3, p. 287–293, 2019.

BOURDIEU, P. Esboço de uma teoria da prática. 1930. In: ORTIZ, R. (org.). Pierre **Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Editora Ática, 1983.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. **Educação é a base**. 3 ed. 2008. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 04 set. 2020.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde sexual e saúde reprodutiva**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018**. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/201. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1042_51-rces007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 08 fev. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Ministério da Educação. **Caderno do gestor do PSE**. Brasília: 2022.

CUNHA, L. F. F., SILVA, A. S., SILVA, A. P. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal, Brasília**, v. 7, n. 3, p. 27--37, 2020.

FIGUEIRÃO, M. N. D. **Educação sexual**: retomando uma proposta, um desafio. 3 ed. Londrina: Eduel, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

FIORES, L. F.; MELLO, D. T. O impacto da extensão na formação discente, a experiência como prática formativa: um estudo no contexto de um Instituto Federal no Rio Grande do Sul. **Revista Conexão UEPG**, v. 16, p. 1-13, 2020.

GOLDBERG, M. A. **Educação sexual**: uma proposta, um desafio. 4 ed. São Paulo, Cortez, 1988.

GONÇALVES, R. C.; FALEIRO, J. H. ; MALAFAIA, G. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. **Holos**, v. 5, p. 251–263, 2013.

KAWATA, H. O.; NAKAYA, K. M.; FIGUEIRÃO, M. N. D. Reeducação sexual: percurso indispensável na formação do/a educador/a sexual. **Revista Linhas**, v. 11, n. 1, p. 85– 111, 2010.

MAROLA, C. A. G.; SANCHES, C. S. M. CARDOSO, L. M. Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. **Psicologia da Educação**, n. 33, p. 95-- 118, 2011.

NOGUEIRA, R. S. *et al.* Roda de conversa sobre saúde sexual e reprodutiva com adolescentes: um relato sobre dispositivos de cuidado em perspectiva dialógica. **Saúde em Redes**, v. 9, n. 3, p. 1–9, 2023.

NUNES, C. A. **Filosofia, sexualidade e educação**: as relações entre os pressupostos ético-sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre a educação sexual escolar. 1996. 330 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.

OLIVEIRA, S. **Educação sexual no contexto museal**: situações, desafios e potencialidades. 2024. 402f. Tese (Doutorado em Ensino em Biociências e Saúde) – Instituto Oswaldo Cruz. Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

ROSA, M. M. *et al.* A Educação Sexual no Processo de Formação dos Futuros Professores. **Revista Presença**, v. 9, n. 20, p. 30--34, 2023.

ROSA, M. M.; FONSECA, V. S.; OLIVEIRA, S. A Extensão universitária como estratégia de formação de educadores sexuais. *In: CASTRO, P. A.; CAVALCANTI FILHO, S. M. (org.). Gênero, sexualidade e educação*. v. 2. Campina Grande: Realize eventos, 2024.

ROSA, R. Trabalho docente: dificuldades apontadas pelos professores no uso das tecnologias. *In: Encontro de Pesquisa em Educação e Congresso Internacional de Trabalho Docente e Processos Educativos*, 1, 2013, Uberaba. **Anais [...]**. Uberaba, Universidade de Uberaba, 2013, p. 214-227. Disponível em: <https://revistas.uniube.br/index.php/anais/article/view/710>. Acesso em: 08 fev. 2024.

SHULMAN, L.S. Knowledge and Teaching Foundations of the New Reform. **Harvard Educational Review**, v. 57, n. 1, p. 1–22, 1987.

UNESCO. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Orientações técnicas internacionais de educação em sexualidade**: uma abordagem baseada em evidências. 2019. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000369308?posInSet=1&queryId=-54496777-a2a3->. Acesso em 29 set. 2020.

VARGAS, H. M.; PAULA, M. F. C. A inclusão do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante na educação superior: desafio público a ser enfrentado. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 18, n. 2, p. 459–485, 2013.